

Venzel
Edições

COLEÇÃO
AVENTURAS

Alex e Kurambê
em
**PESADELO
SELVAGEM!**

História I

MORBIUS VENZEL

COLEÇÃO AVENTURAS

Alex e Kurambê

Em

PESADELO SELVAGEM!

CAPA: montagem sobre desenho retirado na internet –
ArtVenzel.

Morbius Venzel

RESUMO

Alex e Kurambê foram separados de seus pais. Em lugares bem diferentes e em situações também muito diferentes, mas os dois se encontram, depois de passar por algumas peripécias, e juntos, decidem voltar à floresta amazônica, enfrentando todos os perigos que ela poderia lhes oferecer.

Em pleno século XVII, quando tudo era muito difícil, até para os bravos colonizadores e desbravadores que por aqui se atreviam a vir, em busca das drogas do sertão, de aprisionar índios selvagens ou mesmo de implantar aqui uma colônia de seus países, os dois jovens partem decididos para uma aventura épica que marcará para sempre suas vidas.

O encontro desse jovem francês, filho de um pirata do mar e de um jovem indígena, filho de um cacique do interior da grande selva muito acima no rio das Allamazonas, proporciona uma rica aventura e uma jornada em busca de respostas sobre seus pais.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – PIRATAS, CORSÁRIOS E FLIBUSTEIROS

CAPÍTULO II – NAS MÃOS DOS PAIQUICÉS

CAPÍTULO III – O REENCONTRO

CAPÍTULO IV – PESADELO SELVAGEM!

CAPÍTULO V – LIVRAMENTO!

CAPITULO I - PIRATAS, CORSÁRIOS E FLIBUSTEIROS.

Era o ano de 1760. Franceses e holandeses estavam resolvidos a fundar uma colônia em algum lugar da costa brasileira. Sua grande missão agora era invadir a Hylea Amazônica e fundar aqui um fortim.

Um jovem e experiente flibusteiro francês, conhecido como Michel Lechê, dono de uma nau acostumada a singrar os mares pilhando e saqueando para as coroas europeias convence os reis da Holanda em patrocinar uma viagem para essas terras, para dar cabo de tal tarefa. Mas os portugueses a todo custo, não estava a fim de dividir essas terras com mais ninguém. Já tiveram uma experiência com os espanhóis

Desde 1504 que os navios franceses aportavam na costa brasileira para trocar objetos com os nativos como espelhos, ferramentas, panelas, rum, entre outras coisas, com o valioso pau-brasil e outras coisas, que nessas terras tinham em abundância. A vontade de fundar uma colônia aqui era muito grande por parte dos franceses e holandeses, por isso o rei da França financiava as expedições à costa brasileira.

Foram expulsos e perseguidos por muito tempo. Desde quando D. João III, rei de Portugal entregou a Cristóvão Jaques, o comando da expedição guarda-costas.

O governo francês não admitia essa supremacia portuguesa e espanhola nas terras ocidentais, mesmo com os tratados feitos em Roma com a benção dos papas. O tráfico de

madeiras e drogas do sertão rendia muito nos países da Europa. Mesmo passado tanto tempo desde que fora descoberto, ainda era tempo de fundar uma colônia por essas bandas.

Em janeiro de 1531, Martim Afonso de Sousa ao chegar à Pernambuco aprisiona três navios franceses carregados de pau-brasil, enviando um para Portugal, queimando o segundo e incorporando o terceiro à sua frota. Ficou clara para o governo português a intenção dos franceses em invadir o Brasil.

Mas os fracassos da conquista francesa eram muitos. Em 1555, chegaram ao Rio de Janeiro cerca de 600 franceses. Conseguiram o apoio dos índios tupinambás e de outras nações indígenas que guerreavam contra o domínio português. Essa união entre franceses e os nativos ficou conhecida como “Confederação dos Tamoios”.

O governador-geral do Brasil, Mem de Sá, permitiu que dois padres jesuítas Manoel da Nóbrega e José de Anchieta negociassem a paz com os índios. Em troca os portugueses não escravizariam mais os nativos, mesmo assim os franceses continuavam explorando o território brasileiro.

Travou-se uma luta renhida entre portugueses e os índios da Confederação dos Tamoios que ajudavam os franceses. Só em 1567, finalmente os franceses foram expulsos e os tupinambás fugiram para outros lugares do interior.

Com a criação das Companhias de Comércio, Inglaterra, França e Holanda começaram a investir contra os domínios ocidentais de Portugal e Espanha. Criou-se aí o Mercantilismo e com ele a violência e a pirataria nos mares de todo o mundo.

Existiam também os corsários que pediam licença ao rei de seus próprios países para praticar a pirataria. Com a famosa Carta de Corso cedida pelos reis, muitos homens e canhões em suas naus, conhecidos como corsários, estavam prontos para atacar navios e cidades.

Foi o que aconteceu com a Vila de Santos, em 1591, ali durante dois meses o corsário inglês Cavendish, pilhou e atacou em nome da Rainha Elisabeth I. Depois da expulsão dos franceses do Rio de Janeiro, continuaram as invasões da costa brasileira. Em 1612 nova investida dos invasores na Região Norte, que foi rechaçada pelos portugueses. Foram três anos de lutas, mas, por fim, foram expulsos.

Mas os holandeses não ficariam para trás nessa empreitada e criaram, em 1602, a Companhia de Comércio das Índias Ocidentais. O domínio português estava mais uma vez ameaçado.

A Bahia foi atacada em 1624 por uma grande esquadra holandesa que conquistaram Salvador, mas a riqueza maior que eram os canaviais das grandes fazendas continuou em domínio português. Nesse interim, Portugal e Espanha, que ainda estavam unidos com a União das Coroas Ibéricas, armaram uma gigantesca esquadra formada por 52 navios e cerca de 12 mil homens e expulsaram os holandeses de Salvador.

Mas portugueses e espanhóis não contavam com um hábil e corajoso corsário holandês. Em 1627, Piet Hayden, capturou 38 navios portugueses e espanhóis na costa brasileira carregados de ouro, prata, pérolas, peles, especiarias e vários

outros produtos. Eles investiram o butim e os recursos do despojo na Companhia de Comércio das Índias Ocidentais.

Com muito dinheiro a esquadra pirata foi reforçada, e 77 navios mais de 7 mil homens, os holandeses invadiram Pernambuco em 1630, a mais rica capitania do Brasil Colônia e também o maior centro produtor de açúcar do mundo, naquela época.

Olinda e Recife não resistiram a invasão holandesa e os combates duraram por longos cinco anos, mas as cidades capitularam. A conquista holandesa se expandiu rapidamente. De Sergipe até São Luís no Maranhão. Inúmeros portos e fortificações estavam agora sob o domínio da Companhia.

Em 1640, os portugueses separaram-se da Espanha, acabou-se a União das Coroas Ibéricas, então resolveram retomar o que haviam perdido para os holandeses. Um grande movimento aqui no Brasil colônia, denominado de Insurreição Pernambucana, encabeçados pelos brasileiros João Fernandes Vieira, André Vidal de Negreiros e o índio Felipe Camarão, conhecido como Poti, culminou com a expulsão total dos holandeses no ano de 1654, exatamente 24 anos após a ocupação.

Já havia passado 260 anos desde o descobrimento até aqui em 1760. Agora ali na proa de sua nau, observando de longe a grande ilha de Joanes e com o semblante que irradiava m certo aspecto de ânimo e ousadia, Michel Lechè, pirata por conta própria, parecia uma estátua bronzeada pelo sol ao entardecer.

Ali à sua frente onde a nau costeava impelida pelo vento do Atlântico, a grande ilha de Joanes o aguardava. Em seu diário de bordo escrevia:

12 de março de 1750 - A viagem transcorreu sem nenhum incidente, adentramos num grande estuário formado por um grande rio conhecido como o Rio das Allmazonas, suas águas barrentas e cheias de plantas arrastadas pela correnteza é um grande mar de água doce que parece não ter fim. Observamos um fenômeno que nos deixou perplexos. A água do mar invadiu o rio acima com um grande estrondo quebrando tudo à sua margem, estávamos num pequeno trecho de um rio menor e não fomos arrastados por aquela grande onda. Estamos dispostos a seguir em frente, mesmo sabendo que vamos encontrar inúmeros perigos e vamos fundar um povoado dentro desse grande rio, vamos finalmente conquistar um pedaço dessa terra de Brasil.

O comandante Michel estava certo. Aquela viagem reservaria muitas surpresas agradáveis e desagradáveis. O primeiro incidente ocorreu quando tentaram sair na maré baixa. Subitamente ao dobrar a ilha Caviana depararam novamente com aquele espetáculo de água que vinha invadindo e quebrando tudo, principalmente ao lado das margens da ilha.

A nau flibusteira içou todas as velas e empurrada pelo vento leste tentava escapar daquele inferno de águas. Mas a velocidade era pouca. De repente o comandante grita com todas as forças do pulmão:

- Soltem as amarras e vire a estibordo rápido!

Os comandos foram obedecidos e aquela nau de cerca de 25 metros de comprimento e grandes velas triangulares, diminuindo a velocidade dá uma meia volta e encara de frente aquele enorme vagalhão. Já estava à uma amarra de distância. Todos ficaram apreensivos, mas acostumados a viajar em alto mar e passarem por perigos maiores.

A grande pororoca que se elevou a quase três metros de altura, bateu forte na proa da embarcação, fazendo com que ela fosse arrastada a favor da água por muito tempo. O medo e o pavor tomaram conta de parte da tripulação. Agora estavam sendo arrastados por aquela enorme onda que penetrava continente adentro.

Por mais de uma hora aquele estranho fenômeno os empurrara rio acima. Mas foi diminuindo a impetuosidade, até que um vento forte conseguiu fazer com que a nau seguisse caminho próprio. Logo tudo voltou ao normal, aparentemente e seguiam a jusante. Agora apenas uma leve arfagem empurrava a embarcação.

Observando os instrumentos de navegação e mapas disponíveis a bordo, Michel Lechè sorriu e disse ao seu filho que estava ali ao seu lado:

- Estamos agora dentro do grande rio das Allmazonas. Não sabemos até quando iremos a favor da maré. Agora entramos em terras e águas totalmente estranhas a nós. Diferente do mar aberto. Aqui tudo é estranho e desconhecido, meu filho. O pouco que sabemos dessa terra veio até nós através de relatos de outros